

Uma mulher de poucas palavras

Nossa família era grande; eu tinha quatro irmãos mais velhos e dois irmãos e uma irmã mais novos. Havia também dois filhos adotados, totalizando doze pessoas na família. Meu pai era um homem à moda antiga, tanto que havia sido apelidado de "Sr. Cabeça-Dura". Minha mãe cuidava dele e também dos dez filhos com toda paciência. Ela era uma pessoa muito perseverante; nunca a ouvi reclamar de nada.

Mesmo quando o negócio familiar de processamento de algas marinhas comestíveis estava em perigo e quando nossa casa foi incendiada durante a Segunda Guerra Mundial, ela não expressou nem uma palavra de lamentação; simplesmente continuou a cuidar dos filhos e a realizar suas tarefas domésticas.

Recordo-me de uma ocasião em que dividíamos uma melancia que havia sido cortada de acordo com o número de pessoas presentes. Um dos filhos, que já havia terminado de comer seu pedaço, disse para minha mãe: "Já que a senhora não gosta de melancia, eu vou comer seu pedaço." Ao que minha mãe retrucou: "Ora, eu de repente comecei a gostar de melancia." E separou uma fatia para um dos filhos que não estava no momento. É estranho como ainda hoje me lembro de sua voz e de sua expressão com tanta clareza; creio que seja porque meu jovem coração se sentiu profundamente tocado por seu amor e por seu senso de imparcialidade. Com base nessa imparcialidade, nós fomos tratados igualmente e aprendemos também a nunca dizer nem fazer algo que prejudicasse outras pessoas.

Com tantos filhos e com tantos apetites saudáveis, minha mãe prestava muita atenção a nossa alimentação. Ela não podia gastar muito dinheiro mas sempre procurava fazer com que comêssemos calorias o suficiente. Apesar das privações da guerra, nenhum de nós sofreu de desnutrição. Creio que ela deve ter empenhado um esforço duas vezes maior para cuidar de mim porque eu era muito fraco e doente.

Naquela época, tínhamos apenas uma galinha. Os ovos que ela botava eram distribuídos de acordo com a idade, começando pelos irmãos mais velhos; com todos aqueles filhos, demorava alguns dias até que o mais novo podia comer seu ovo. E ele sempre aguardava ansiosamente por esse dia, pensando que nunca chegaria.

Certo dia, o filho cuja vez havia chegado foi até o galinheiro buscar seu ovo; lá ele encontrou não apenas um, mas quatro ovos. Ele voltou todo contente, dizendo: "A galinha botou quatro ovos hoje!" Todas as crianças bateram palmas alegremente por aquela sorte inesperada. Na verdade, minha mãe havia se levantado bem cedo, saído e comprado os outros ovos, colocando-os depois debaixo da galinha. No café da manhã, ela se sentou sem dizer nada; ela estava evidentemente muito feliz em ver a expressão de alegria nos rostos de seus filhos. A lembrança que tenho de minha mãe é a de uma mulher de poucas palavras que, entretanto conseguia expressar sua grande afeição por nós.

Sinto muito orgulho dessa mulher que conseguiu compartilhar seu amor com todos os dez filhos igualmente. Ainda sinto sua voz benevolente reverberando dentro de mim. Sua voz me incentiva a fazer o que é correto; ajuda-me a determinar o que é certo ou errado. As palavras de que me recordo não são extraordinárias. "Não faça nada que cause problemas para os outros" e "Não minta" eram basicamente tudo o que ela dizia. Quando entramos para a escola, ela acrescentou: "Quando decidir

fazer algo, assumo a responsabilidade por isso e realize você mesmo." Suas palavras ficaram gravadas em meu coração naquela época e eu nunca me esqueci delas.